

## Memórias de uma pós-graduanda em tempos pandêmicos

Anna Carolina Deodato<sup>1</sup>

Registrar e arquivar pequenos fragmentos que compõem a narrativa do que vivi é um processo que faz parte de quem sou há muitos anos. Talvez, esse texto seja mais um desses objetos autobiográficos que deixo como legado para um leitor futuro ainda não identificado. *Estou viva, sou esse ser, me sinto dessa forma, não gosto disso, aquilo me emociona, sinto saudades de tal momento, este é o meu instante-já.* Não sei o que esses arquivos se tornarão ou representarão para o meu eu do futuro, ou para o meu leitor. Tudo que sei é que hoje esse material representa o legado de alguém que sobreviveu, literal e metaforicamente. Rer ler me lembra quem sou.

Ao entardecer abro o caderno que foi meu companheiro ao longo do mestrado e o folheio. Presente de um querido ex-namorado, o pequeno caderno com capa estampada do quadro *Amendoeira em Flor* se tornou reduto de devaneios, ideias e gatilhos da minha pesquisa de dissertação. Recém aprovada no doutorado, esse foi o recorte da minha vida que escolhi (re)memorar.

Acredito ser válido mencionar que cada escritor abarca sobre o mundo que enfrenta. Sob certos recortes sociais me encontro na posição de uma mulher privilegiada, em certo nível. Dedicar-me integralmente à pesquisa com amparo e investimento familiar denota esse grau de privilégio. Portanto, quando volto meu olhar ao período pandêmico, é a dissertação que ocupa as varandas da minha memória. Estive, sim, submetida a medos e traumas coletivos, mas meu maior desafio entre março de 2020 e março de 2022 foi me libertar das cobranças e limitações autoimpostas que minavam com a minha sanidade mental.

Em certo momento do processo de (re)memorar, por dentre resumos coloridos e post-it's, me deparo com um trecho que antagoniza com uma suposta alegria imagética. Escrito para a defesa remota, em junho de 2021:

---

<sup>1</sup> Bacharela em Gastronomia e doutoranda em Literatura Comparada pela UFRJ.

*“É importante começar dizendo que essa é uma dissertação escrita no decorrer da pandemia. Embora a pesquisa tenha iniciado em 2019, a escrita em si começou durante a quarentena, o que dificultou o acesso a alguns arquivos e espaços”. Rio de Janeiro, junho de 2021.*

A priori, essa fala era uma forma de lamentação pela inacessibilidade do meu material de pesquisa durante o período de distanciamento social. Bibliotecas e museus fechados, assim como universidades, livrarias e outros espaços que alimentavam meu potencial criativo me desorientaram enquanto cidadã e pesquisadora. Em meio a incerteza e a fragilidade social havia a obrigação de continuar produtiva.

Entretanto, mais que expressar uma preocupação com meu resultado acadêmico, eu buscava tecer laços de empatia e compreensão com os demais pesquisadores que compartilhavam comigo daquele rito de passagem da minha trajetória na pós-graduação. *“Por favor, me entendam: eu também passei por reuniões intermináveis e horas de pesquisa enquanto me preocupava com a saúde e segurança da minha família e amigos. Também perdi pessoas próximas e lidei com o luto simultâneo aos prazos apertados da universidade que me sufocavam”*. E, apesar de todas as dificuldades, eu estava lá, realizando um sonho.

Em meio ao início de uma nova fase acadêmica e pessoal, me emociono ao refletir sobre a experiência de ter sido pesquisadora em plena pandemia, um momento caótico que acentuou a solidão do processo de pesquisa. A escrita foi, ao mesmo tempo, a salvação dos meus dias e o alívio da minha saúde mental.

*“Me sinto correndo atrás do tempo perdido. Sinto que eu poderia ter lido muito mais e tentado publicar mais artigos. Publiquei um, três estão aguardando avaliação e estou escrevendo mais um que ainda não possui destino certo. Penso no Lattes e na avaliação do currículo para o doutorado, preciso mostrar produtividade. De resto, obtive nota A em todas as disciplinas, cursei até uma disciplina a mais”. Rio de Janeiro, maio de 2021.*

A solidão me fez competir academicamente contra um inimigo imaginário, criado pela minha ansiedade e insegurança. Eu precisava parecer bem, ainda que não estivesse. Defender a dissertação e estar, enfim, livre de um grande peso emocional deveria ser um momento de alívio, mas escancarou todas as feridas que eu tentava encobrir com o excesso de trabalho, com a superficialidade de uma produção feliz.

*“Estou tentando lidar com meu vazio da melhor forma que consigo. Choro quando sinto vontade, o que já é um avanço. Reconheço a ausência, a ferida e a dor. Tento lidar com elas [...]. Amanhã tem consulta com a psiquiatra, sexta tem análise. Poderei falar sobre isso num local seguro”. Rio de Janeiro, julho de 2021.*

Reforço não saber onde resultarão meus anos de escrita testemunhal sobre os mais diversos processos que já me atravessaram nessa vida. Contudo, esse pequeno recorte, legado testemunhal de um período adverso ao mesmo tempo íntimo e coletivo, me conduz sempre à reflexão das relações entre saúde mental e pós-graduação. Me relembra o que ocorre quando fronteiras saudáveis são rompidas em prol da criação de uma imagem social incondizente com a realidade. Escrever esse relato seja, talvez, um sepultamento público dessa atividade predatória contra meu próprio ser.